

**A AULA INAUGURAL
DE FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO**

Berty Ruth Rothstein Biron (RGPL)
bertybiron@terra.com.br

A *Aula Inaugural* de frei José de Santa Rita Durão figura na seção de obras raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com vinte e seis páginas ao todo. Foi publicada em Coimbra, e registra na última página o nome da casa de impressão: Tipografia Acadêmico-Régia, bem como a permissão da Cúria Régia Censória, em 1778.

Com a intenção de tornar esse texto acessível aos leitores de língua portuguesa, providenciamos sua tradução do latim para o português, preparada pelo latinista José Braga Martins, em 1993.

Trata-se de um discurso cujo teor é o passado lusitano, elaborado com todo o rigor do erudito setecentista, época na qual o autor procura observar os pressupostos da razão e do cientificismo. Como se sabe, o século XVIII caracteriza-se pela primazia da razão. O conhecimento integra duas fontes: a razão e a experiência. Os promotores desse novo pensamento, como observa Todorov (2006, p. 17), “queriam levar luzes a todos, pois estavam convencidos de que serviriam ao bem de todos: o conhecimento é libertador, eis o postulado”.

No Século das Luzes, a educação formal, incluído o processo de alfabetização, passa a constituir um dos focos privilegiados do reino português, à semelhança de outros países europeus. O conceito de progresso só faz sentido se alcançar o maior número de cidadãos. Prolifera, assim, o número de impressos e de leitores.

De fato, o estudioso da cultura portuguesa, ao atingir o século XVIII, não pode deixar de mencionar a criação de novas instituições, tais como: academias, bibliotecas, museus, observatórios etc., entre os quais podemos destacar as seguintes: a Régia Oficina Tipográfica (1768), a Academia Portuguesa (1717), a Academia Real da História (1720), a Arcádia Lusitana (1756), o Colégio dos Nobres (1761), a Junta de Providência Literária (1770), a Academia Real das Ciências (1779), a Nova Arcádia (1790) e a Real Biblioteca Pública (1796).

Desse modo, a renovação cultural está em consonância com o espírito do século, que prima pela tendência à pesquisa da verdade, um sa-

ber de cunho racional e experimental. É digno de nota o artigo *Letrado*, de Voltaire, na *Enciclopédia Francesa*, segundo o qual o homem de letras é, sobretudo, o que possui conhecimentos em todas as áreas do saber e nelas se move com facilidade. O poeta Santa Rita Durão parece ajustar-se a essa definição, não somente pela sua erudição, mas por sua capacidade de transitar em várias áreas do saber, em que a eloquência está presente, sem deixar de lado a história, a teologia, a filosofia, a retórica e, mormente, a literatura.

Na literatura luso-brasileira, Santa Rita Durão é conhecido como o autor de o *Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia*, publicado em Lisboa, em 1781. No entanto, muito pouco sobre sua obra tem chegado ao conhecimento de seus leitores, pois a maior parte ainda se encontra inédita, tanto em manuscritos quanto em impressos. Também pouco se tem divulgado sobre sua biografia. Eis aqui, então, alguns dados que certamente podem contribuir para que se ponham lado a lado o homem, o religioso e o intelectual: teólogo, filósofo, professor e escritor.

José Luís de Moraes nasce em 1722, em Minas Gerais, na fazenda de Cata-Preta, povoado de Nossa Senhora de Nazaré, outrora Inficcionado, que, em 1895, passa a denominar-se Santa Rita Durão, em homenagem ao poeta. Aos nove anos, José Durão vai estudar em Portugal, fato bastante comum no Brasil Colônia, entre as famílias abastadas. Lá, manifesta-se sua vocação religiosa, que o faz ingressar na Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, em 1737, acrescentando a seu nome o de Santa Rita, de quem era certamente devoto.

Aos dezesseis anos, Durão inicia seus estudos em filosofia e teologia, na escola da própria Ordem. Posteriormente, obtém o grau de doutor, pela famosa Universidade de Coimbra, no ano de 1756. Começa, assim, uma vida pontuada pelo talento, que se manifesta em diversos textos ainda inéditos, registrados em prosa, poemas líricos e peças de oratória. As qualidades de escritor e orador aproximam-no de D. João Cosme da Cunha, então bispo de Leiria, que, movido pela intenção política de agradar ao marquês de Pombal, encomenda ao frei José de Santa Rita Durão uma pastoral, com fortes argumentos contrários à atuação dos jesuítas em todo o império português. Como se sabe, a política pombalina era antijesuítica, e aquela argumentação parecia ir ao encontro das intenções de Pombal.

Devido à *Pastoral*, escrita por Durão, o bispo de Leiria consegue galgar a posição de cardeal. Frei José, atraído por D. João Cosme da

Cunha, que em troca da *Pastoral* lhe havia prometido a cadeira de hebraico, na Universidade de Coimbra, além de certa quantia em dinheiro, é caluniado e perseguido pelo mesmo cardeal, por outros membros da Igreja, e finalmente por Pombal. Assim, aconselhado por amigos, Durão foge de Portugal. Parte para a Espanha, em dezembro de 1761, e depois busca exílio na Itália.

Sobre a rápida ascensão do cardeal da Cunha, o historiador Jacome Ratton escreveu:

O Cardeal da Cunha da família dos Távoras principiou por ser cônego regular da Ordem de S. Agostinho; e achava-se Bispo de Leiria quando aconteceu o infeliz atentado contra a vida do Senhor Rei D. José; e em uma justificação, que fez, mostrou não ser cúmplice no delito de seus parentes; e o fez com tanta sagacidade, ou alguém por ele, que granjeou a afeição não só d'El Rei, mas do Marquês de Pombal, do que lhe resultou ser promovido o Arcebispo de Évora, e sucessivamente Inquisidor Geral, Regedor das Justiças, Ministro Assistente ao despacho, e ultimamente elevado à dignidade de Cardeal. (RATTON, 1992, p. 254)

Em 1762, Durão escreve a própria biografia, intitulada *Retratação ou Poenitens Confessio*, da qual extraímos alguns trechos, nos quais fica evidente seu arrependimento por ter caluniado os jesuítas. Quem realizou esses manuscritos foi o padre Antonio Antunes, sob o pseudônimo de Arthur Viegas, em 1914, no arquivo de Loyola, na Espanha. Santa Rita Durão, a caminho de Roma, torturado pelo sentimento de culpa, escreve ao papa Clemente XIII, confessando a autoria da *Pastoral* e seu profundo arrependimento pelas injúrias ali contidas contra os jesuítas:

Eu, sem atender ao respeito ou violação dos direitos alheios, tratei somente de servir a minha ambição e o bem estar do bispo. [...] Encarregou-me logo desse trabalho, e em poucos dias escrevi a *Carta Pastoral* que no mês de março imediato se imprimiu e publicou em nome do bispo. (DURÃO, *apud* VIEGAS, 1914, p. 20)

Enfim não posso mais continuar esta dolorosa lembrança sem que meus olhos se umedeçam de pranto, ao recordar-me de tantos varões gravíssimos e inocentes, perseguidos e desterrados de sua Pátria sem mais culpa que a de não quererem apostatar do seu Instituto e dos votos que haviam jurado. (DURÃO, *apud* VIEGAS, 1914, p. 110)

Somente em 1777, após dezesseis anos de exílio, Durão finalmente retorna a Portugal, depois da morte de D. José I, e da conseqüente queda de Pombal, ocasião em que subiu ao trono D. Maria I, filha do monarca. Inaugura-se então um tempo de concessão de anistia não só aos presos políticos, mas também aos expatriados por Pombal. Não se sabe ao certo o número de vítimas, mas são libertos das prisões de Lisboa e

redondezas cerca de oitocentos indivíduos. Todavia, durante os anos da ditadura pombalina, o número de presos pode ter atingido o de quatro mil. A morte de El rei D. José traz de volta a Portugal vários expatriados, que andavam foragidos por terras estranhas. Sobre isso, o *scholar* Adolfo Varnhagen (1850) nos informa que:

[...] ao abrir-se no mês de outubro o curso letivo da Universidade de Coimbra, é um desses foragidos quem pronuncia em latim a oração de sapiência. Preside tal ato solene o bispo reitor, glória da Universidade e do Brasil, sua pátria; entre os ouvintes não faltam outros brasileiros tanto nas doutorais como nos bancos dos estudantes. Filho do Brasil é também o orador, que não terá ainda cinquenta anos de idade: seu rosto grande e trigueiro, se destaca perfeitamente junto do alvo do capelo de teologia que tira por vênias de quando em quando. (VARNHAGEN, 1850, p. 340).

O retorno do poeta Santa Rita Durão à Universidade de Coimbra e sua nomeação como professor para a cadeira de Teologia constituem para ele, de fato, grandes acontecimentos. Sabe-se de uma carta, datada de 10 de agosto de 1773, pela qual solicitara ao frei Manuel do Cenáculo uma recomendação para ingressar na Universidade de Coimbra. Mas só quatro anos depois, em 1777, deixa a Itália e retorna a Portugal. Já em Coimbra, participa de um concurso pelo qual obtém a tão acalentada cátedra. Naquela ocasião, profere a *Aula Inaugural*, ou *Oração de Sapiência*, escrita especialmente para aquela sessão solene, publicada em 1778. Sobre essa obra, talvez a única aula inaugural proferida em Coimbra e posteriormente publicada, pode-se afirmar que se trata de um discurso cujo teor é o passado lusitano. Os antigos reis portugueses são louvados; os monumentos, exaltados quando comparados aos da Itália. Sobre esse texto, Adolfo Varnhagen (1845) é o primeiro erudito a tecer alguns comentários:

Se bem que às vezes empolado e com uma ou outra hipérbole, passa por uma das mais eloquentes peças em latim, que se têm proferido em tal ato de ostentação solene. Por vezes é sublime; alguma emprega tal concisão, que em poucas palavras encerra muita beleza e filosofia. Tal é a pintura que faz dos melhores reis portugueses, que, longe de se conservarem sempre na sua corte, visitavam de continuo as terras interiores do seu reino, como um bom pai de famílias que vai ver seus filhos já homens dele apartados para criar e felicitar novas famílias [...] Toca nas ciências com variada lição e de não vulgar conceito. (VARNHAGEN, 1845, p. 409-410)

O autor, dessa forma, evoca a história de Portugal nos seus momentos gloriosos, demonstrando sempre cuidado com a retórica e a eloquência, aliadas a certo tom didático. Discorrendo em primeira pessoa, inicia o texto com as ricas imagens da arquitetura portuguesa, carregada de símbolos de um passado de glórias. Conduzindo com rara habilidade o

pensamento dos ouvintes, o orador passa dos belos e imponentes monumentos ao terreno da filosofia, no qual se constroem as ideias, para lembrar o ideal clássico de beleza, que se aplica também à expressão verbal, apoiada nas estruturas linguísticas do latim clássico. O texto apresenta cuidadosa seleção das palavras, sequência histórica e organização do pensamento. O orador-poeta utiliza todos os meios para persuadir os ânimos dos ouvintes – o espanto, a admiração, o maravilhar-se com a arte dos ancestrais portugueses. E acrescenta, em nota ao texto, que nada foi dito por hipérbole:

Viajando eu, inúmeras vezes, varões acadêmicos, e contemplando bem as antigas cidades dos lusitanos, ao se me depararem os soberbos monumentos de nossos antepassados – templos, torres, cidadelas, palácios, mausoléus, o admirável – quanto espanto me adveio da velha glória dos lusitanos.

Decerto, eu meditava, atentamente, e, absorto, admirava as basílicas, construídas em Lisboa, ao tempo de Afonso I, em Coimbra, em Alcobaça, as mais grandiosas, as mais bem elaboradas, com o mais belo lavor artístico, também na época de João I e de Manuel, o Grande, os imensos aprestos para os troféus da vitória; os túmulos dos reis dignos de admiração, pelo fausto e pela arte: que os italianos se orgulhem das numerosas, antigas e tão imponentes maravilhas dos edifícios; não ostentem, todavia, coisas maiores e talvez iguais a essas. (DURÃO, p. 47)¹

Frei José de Santa Rita Durão, baseado na história factual, vai tecendo seu texto sem deixar de mencionar a amplitude da ação exercida pelos portugueses numa grande parte do mundo durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Reforçando o que é de conhecimento de todos sobre a época dos descobrimentos portugueses, vale lembrar as palavras do historiador José Hermano Saraiva (2004, p. 138.): “Pode falar-se numa gigantesca epopeia coletiva, sem receio de exagerar o uso das palavras”. Além disso, constata-se que Durão emprega muitas expressões grandiosas, harmoniosas e elegantes.

A história de Portugal naturalmente exige um discurso esmerado, e para isso o autor recorre à *retórica do sublime*, muito em voga no Portugal setecentista. Vale ressaltar que o alvará de 28 de junho de 1759 cria um novo modelo pragmático e metodológico, o qual, além das línguas clássicas (latim, grego e hebraico), inclui o ensino da Retórica. A tradução do *Tratado do Sublime* para o português foi produzida por Custódio José de Oliveira, e corrobora com dois tópicos a que a reforma de Pom-

¹O texto, originalmente publicado em latim, consta, em tradução do prof. José Braga Martins, do projeto de doutorado de Berty Biron, apresentado à PUC-Rio em dezembro de 1993.

bal visava: o ensino do grego e o da retórica. E, conforme Custódio José de Oliveira recomenda em seu preâmbulo:

Não há estudo mais útil que o da retórica e eloquência, muito diferente do estudo da gramática, porque esta só ensina a falar e ler corretamente e com acerto e a doutrina dos termos e frases. A retórica, porém, ensina a falar bem, supondo já a ciência das palavras, dos termos e das frases; ordena os pensamentos, a sua distribuição e ornato. E, com isto, ensina todos os meios e artificios para persuadir os ânimos e atrair as vontades. É, pois, a retórica a arte mais necessária no comércio dos homens, e não só no púlpito ou na advocacia, como vulgarmente se imagina. (BUESCU, 1982, p. 16-17)

Mais adiante, acrescenta que os professores devem utilizar para sua própria instrução a *Retórica* de Aristóteles e as obras de Cícero e de Longino. O *Tratado* de Longino coloca em questão um velho debate: o problema da essência da obra de arte literária. A obra só deve ser considerada arte quando provoca no leitor uma intensa resposta emotiva. Portanto, quando há arrebatamento (*ekstasis*) e elevação (*hypsos*), em outras palavras, o sublime se caracteriza. E conclui que é preferível escrever uma obra sublime com erros, do que uma obra sem erros, mas sem sublimidade.

É também digna de nota a influência exercida pelo grande renovador dos estudos lusitanos – Luís Antonio Verney –, que, em seu *Verdadeiro Método de Estudar*, considera: “O estilo sublime tem seu próprio lugar nas orações e sermões, na Poesia Heroica e Trágica, e pode às vezes ter lugar na História, quando se introduzem a falar algumas pessoas” (VERNEY, 1950, p. 91.). Entre os conselhos aos estudantes portugueses, inclui a leitura de Cícero, Quintiliano, Aristóteles e Longino.

Dionísio Longino compôs, no século I, o *Tratado do Sublime*, reeditado em Portugal no século XVIII. No prólogo dessa edição (OLIVEIRA, 1984, p. 20), Maria Leonor Carvalhão Buescu chama a atenção para o fato de essa obra, esquecida durante séculos, ter alcançado três traduções em Portugal no século XVIII: a de Custódio José de Oliveira, a de Filinto Elísio e a de Elpino Duriense – o que vem confirmar que o *sublime*, como técnica retórica, estava sendo efetivamente utilizado em Portugal no Século das Luzes.

Santa Rita Durão, como intelectual de seu tempo, também foi influenciado por Francisco José Freire, mais conhecido como Cândido Lusitano, que, na *Arte Poética*, observa: “Tudo se evita, havendo proporção com a matéria: se esta for grande, seja o estilo sublime, se mediana, mediano, e se humilde, fácil e natural” (FREIRE, 1759, p. 231). Tratando-se

de um discurso solene, tudo na *Aula Inaugural* é grandioso, de acordo com a técnica do sublime, revelando o entusiasmo do autor pelos feitos e pela arte lusitana.

Para isso, o frade-poeta utiliza palavras e expressões que evidenciam a grandiosidade das obras e das conquistas de um povo tão pouco numeroso: “soberbos monumentos”, “tão imponentes maravilhas dos edifícios”, “belíssima”, “muito mais sábios”, “a suma glória”, “homens muito experientes”, “homens muito doutos”, “varões muito célebres”, “grande louvor”, dentre outros termos, em que os adjetivos, muitos em grau superlativo, ligam-se a substantivos semanticamente associados à elevação do espírito em seu mais alto grau. Veja-se ainda o seguinte exemplo, em que também os ouvintes são elevados ao grau de excelência:

Aqui eu vos convido, ó excelentes ouvintes, a percorrer comigo esses estudos, a visitar os ginásios, a consultar os oráculos, a restituir a santa, verdadeira, primitiva sabedoria da instituição lusitana entre os do nosso país. Entrai, se vos apraz, na Santa Academia de Teologia, conduzida por varões, na penitência, na oração, nas vigílias, feitas, como foram, especialmente no começo. (DURÃO, 1778, p. 52)

Há também este trecho, de louvação a Vasco da Gama: “Quão grande foi aquele varão no conhecimento, quão grande na arte de navegar! Aquele que tantos bancos de areia, tantos mares, tantos perigos correndo, descobriu mais da metade do mundo que temos”, (DURÃO, 1778, p. 58). Pode-se observar com isso que de fato predomina na *Aula Inaugural* a exaltação aos grandes heróis da Pátria, como no belo trecho que homenageia o fundador da Escola de Sagres:

Que nome te darei, Henrique, príncipe muito nobre? [...] Pai da Pátria, verdadeiramente, tu regularizaste a Sociedade Real das Ciências, a mui prezada Escola de Náutica. [...] Aí preparavas, com os teus esforços e os dos teus, homens muito habilidosos, tantos quantos encontravas, na Lusitânia, para aqueles célebres estudos. (DURÃO, 1778, p. 56-57).

Vale aqui comentar que, se não foram os portugueses os únicos navegadores, em nenhum outro país a expansão marítima assumiu o caráter de empreendimento nacional. E Durão, numa prosa poética, assim apresenta os descobrimentos:

Todos os dias, viam-se nascer ilhas; apareceu toda a Etiópia ocidental, carregada de ouro, de pedras preciosas e inúmeras riquezas. O próprio sol, que se ergue muito mais alto no céu, engolidas as sombras, as noites igualadas aos dias, parecia aos mortais diferente do conhecido. (DURÃO, 1778, p. 57)

O orador, ao retratar a história de Portugal no seu apogeu e glória, pretende dar o exemplo e estimular os jovens a prosseguir nos estudos. A

questão didática perpassa a *Oração de Sapiência* do início ao fim. Os exemplos e estímulos estão no texto, restando aos jovens seguir o caminho dos ancestrais lusitanos: “Por que vos demorais, excelentes jovens? Retomai, enfim, aqueles antigos estudos: de bom grado insisti nas pegadas de nossos antepassados” (DURÃO, 1778, p. 73).

Ao longo do texto, o orador-poeta exalta o conjunto de características, em plano cultural e histórico, que distinguem a nação portuguesa. Apesar de naquele momento expressar-se em latim, respeitando a tradição da universidade europeia em ocasiões solenes, o discurso de Durão evidencia sua formação humanística fortemente enraizada nos valores culturais lusitanos.

Nesse sentido, convém assinalar que, tal como no *Caramuru*, Santa Rita Durão afirma ter sido o amor à pátria que o incitou a compor o poema épico. Também na *Aula Inaugural* a pátria o inspiraria a escrever. Mas a que pátria estava se referindo? À que lhe fora berço? Convém lembrar que o autor, embora nascido no Brasil, obteve toda a sua formação intelectual em Portugal e, complementarmente, na Itália. Assim, quando menciona o amor à pátria, certamente se refere a Portugal, ou melhor, ao “ímenso Portugal”. Não se trata apenas do amor à pátria, mas também certo orgulho das figuras que se destacaram na política, na filosofia, na dialética, na historiografia, na poesia e na jurisprudência portuguesa. Finaliza, perguntando aos ouvintes: em que lugar estão todas essas coisas?

Na conclusão, constata que, depois da metade do século XVI, prevaleceram as sombras da “velha sabedoria.” E ao longo do século XVII, tudo foi se definhando e estava rodeado por “espinheiros”. O orador prossegue assim, dirigindo-se à plateia, solicitando-lhe cumplicidade: “acorro em vosso auxílio e cambaleante qual mãe muito doente” a seguir os passos exemplares de nosso povo, retomando os antigos estudos, e ingressando na filosofia, na arte e no comércio. Santa Rita Durão encoraja, dessa forma, os estudantes a retomarem a náutica, os estudos de matemática, a tática, a arquitetura e a pirotécnica. Pode-se afirmar, portanto, que se trata de um discurso laudatório, através do qual o frade-poeta convida seus ouvintes a mergulhar no passado para restaurar as glórias e as conquistas deixadas pelos antepassados lusitanos, utilizando a retórica do sublime.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRON, B. R. R. *Tradição e renovação no poema épico Caramuru*. 1998. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Letras.

_____. Projeto de tese para o doutorado, com material inédito do autor frei José de Santa Rita Durão, apresentado à PUC-Rio, Departamento de Letras, dezembro de 1993.

_____. Luzes, razão e fé em *Caramuru*. In: _____. *Multiclássicos épicos*. São Paulo: EDUSP, 2008.

DURAN, Josephi. Theologi Conimbricensis. O. E. S. A. *Pro Annua Studiorum Instauratione Oratio*. Conimbricae: Ex Typographia Academico Regia, 1778. Cum facultate Regia Curia Censoria.

DURÃO, Frei José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Bahia. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1781.

FREIRE, Francisco Joseph [Candido Lusitano]. *Arte poética ou regras da verdadeira poesia em geral, e de todas as suas espécies principais, tratadas com juízo crítico*. 2. ed. Tomo II. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1759.

GAMA, Luciana. A retórica do sublime no Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia. *Revista USP*. Brasil Colônia, n. 57 (mar./mai. 1989). São Paulo: USP, CCS.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Um imenso Portugal: história e historiografia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

OLIVEIRA, Custódio José de. *Tratado do sublime de Dionísio Longino*. Introdução e atualização do texto por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

RATTON, Jacome. *Recordações de Jacome Ratton sobre ocorrências do seu tempo em Portugal de maio de 1747 a setembro de 1810*. 3. ed. Lisboa: Fenda Edições, LDA, 1992.

SARAIVA, J. Hermano. *História de Portugal*. 7. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 2004.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Vol. VI O despotismo iluminado (1750-1807). 5. ed. Lisboa: Verbo, 1996.

TODOROV, T. *O espírito das luzes*. São Paulo: Barcarolla, 2008.

VARNHAGEN, F. A. de. *Épicos brasileiros*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1845.

VERNEY, L. A. *Verdadeiro método de estudar*. Organização, prefácios e notas de Antônio Salgado Júnior, em cinco volumes. Vol. I: Estudos Linguísticos. Lisboa: Sá da Costa, 1950.

_____. *Verdadeiro método de estudar*. Organização, prefácios e notas de Antônio Salgado Júnior, em cinco volumes. Vol. II: Estudos Literários. Lisboa: Sá da Costa, 1950.

_____. *Verdadeiro método de estudar: cartas sobre retórica e poética*. Lisboa: Presença, 1991.

VIEGAS, A. *O poeta Santa Rita Durão: revelações históricas de sua vida e do seu século*. Bruxelas: Gaudio, 1914.